

# Editorial

## Vítor Lopes-dos-Santos

Oxford University

vitor.lopesdossantos@pharm.ox.ac.uk

O propósito principal do jornalismo científico é levar à sociedade descobertas recentes publicadas em revistas científicas. Portanto, jornalistas especializados nessa área devem ser capazes de comunicar fatos científicos de interesse geral a leitores leigos de forma fidedigna porém acessível. É legítimo que nesse processo de tradução a publicação original perca precisão, e que fatos e números se transformem em histórias. Porém, assim como nos cadernos de política e economia, o jornalismo científico é extremamente vulnerável a vieses ideológicos e comerciais, além de sofrer com interpretações ingênuas de colonistas sem preparo.

A opinião pública, tão influente na política, só pode ser sólida e crítica em muitas questões se o conhecimento científico for bem difundido. Não há dúvida que esse conhecimento deve ser levado em consideração em questões jurídicas e sociais. Que drogas devem ser legalizadas ou criminalizadas? Casais homossexuais devem ter direito a adoção? Existe evidência científica para a eficiência da homeopatia? Os produtos transgênicos devem ser proibidos? Todos esses questionamentos estão sob investigação científica, e a comunicação desses resultados certamente interessa à população. Quando essa divulgação é realizada sem competência ou manipulada por interesses comerciais ou políticos, ela não só deixa de elevar o senso crítico da população como provoca retrocesso na educação da sociedade.

Reconhecendo essa importância, organizamos esse volume especial da Revista da Biologia. Decidimos focar o debate no âmbito das neurociências por entender que essa é uma das áreas que mais sofre de misticismo em sua divulgação. Nesse volume o leitor encontrará diversas discussões analisando como assuntos relevantes para a sociedade aparecem na televisão, nos jornais, revistas, e nos meios de comunicação em geral. Individualmente os artigos aqui publicados combaterão mitos e distorções com argumentos científicos. O volume, esperamos, abrirá uma discussão ampla sobre como podemos melhorar a forma com que a ciência é comunicada e divulgada na mídia.

## Olavo B. Amaral

Instituto de Bioquímica Médica Leopoldo de Meis, Universidade Federal do Rio de Janeiro

olavo@bioqmed.ufrj.br

Não é de hoje que manchetes que começam por “cientistas descobrem que...” carregam um poder de convencimento grande no imaginário popular. Um fato atual, porém, é a primazia crescente da neurociência como explicação para diversos aspectos do comportamento humano. Tal espaço, outrora ocupado por campos como a filosofia e a psicanálise, tem sido cada vez mais ocupado pela biologia, à medida que neurotransmissores, psicofármacos e áreas cerebrais se tornam parte do discurso cotidiano.

Não chega a surpreender, assim, que o cérebro ganhe cada vez mais atenção na mídia. Mas ao mesmo tempo que isso gera oportunidades para a divulgação científica, também é uma porta de entrada para discursos oportunistas, que se valem do poder de sedução do prefixo “neuro-” ou de imagens do cérebro em funcionamento para justificar qualquer afirmativa. Por ingenuidade ou má intenção, tornou-se comum observar a apropriação indevida da neurociência em debates onde ela nem sempre tem tanto a dizer – ou pelo menos não de maneira tão clara quanto se faz pensar.

Os riscos do jornalismo sobre neurociência nesse cenário são muitos – desde a ingenuidade do “neurorrealismo” (a ideia de que alterações cerebrais “provam” que determinados sentimentos ou doenças existem) até o “neurodeterminismo” (em que a responsabilidade das ações é deslocada do indivíduo para seu cérebro, em um esdrúxulo dualismo cartesiano). Passando, é claro, por todas as formas de “neuro-oportunismo”, que visam usar o apelo de explicações baseadas no cérebro para vender ideias, terapias, produtos, ou simplesmente notícias.

Dessa forma, é fundamental que aqueles que se dedicam a fazer jornalismo científico estejam aptos a compreender o que se pode de fato afirmar a partir da neurociência, bem como perceber quando ela se torna uma instância supérflua ou falaciosa em uma discussão. Essa é uma habilidade difícil, e não pretendemos que esta edição providencie um manual exato de como fazê-lo. Mas esperamos que os exemplos presentes nos artigos que seguem possam iluminar o caminho de jornalistas e cientistas que ousem se aventurar por este campo, bem como inspirar mais deles a se dedicarem a essa aventura.